

MARIA RITA

SEMANARIO HISTORICO

Propriedade da Empresa do Magazine CIVILIZAÇÃO, L.da

OCTAVIO

Diracção Literária de
JOSÉ DE ARTIMANHA
DR. KNOX
OCTÁVIO SÉRGIO



Rolão Timpanas



Camisa azul e bota alta,
a «reinar» com tôda a malta...

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819—PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:

JOSÉ DE ARTIMANHA

DR. KNOX

OCTÁVIO SÉRGIO

Condições de assinatura:

Continente e ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

CONCURSO DA MOLHADURA

Formidável certame que a MARIA RITA iniciará já neste número com o gentil concurso da

ADEGA IDEAL DO LAVRADOR

que oferece ela só os seguintes prémios: **Uma pipa do autêntico vinho da Bairrada; um formidável presunto de Lamego; uma pesadíssima arroba de bacalhau; uma arroba de açúcar bem medida.**

Além disso a MARIA RITA distribuirá mais **cinquenta prémios de valor.**

Plano geral dêste concurso

Os prémios dêste concurso são num valor aproximado de 1:500 Escudos, **distribuídos com tôda a certeza**, podendo elevar-se quasi indefinidamente desde que os concorrentes o queiram.

Para se concorrer basta fazer-se o seguinte:

O concorrente recortará a senha ao lado e dirige-se a qualquer das **16 adegas** que a Adega Ideal tem abertas no Pôrto, na Foz, em Matozinhos e em Gaia, conforme descrição abaixo. Essa senha ser-lhe trocada por uma outra numerada que dará direito ao sorteio a efectuar pela lotaria de Santo António, em Junho próximo. Por cada senha desta terá ainda direito o concorrente ao abatimento de 50 centavos em cada compra de 5 escudos, o que equivale a dizer-se que: O concorrente lê a MARIA RITA por metade do preço e fica habilitado a todos os prémios. Além de tôdas estas vantagens, a MARIA RITA, porá à disposição de todos os portadores de senhas, tantos prémios quantos as centenas da lotaria de Santo António. Cada um dêstes prémios tem o valor de 10 escudos.

Concurso da Molhadura

Senha a apresentar em qualquer dos estabelecimentos da ADEGA IDEAL DO LAVRADOR.

Contra a entrega desta senha, o portador receberá uma outra que lhe dará direito ao sorteio.

As senhas respeitantes a êste concurso e correspondentes à semana passada e a esta estão desde hoje em distribuição em todos os estabelecimentos da Adega Ideal do Lavrador.

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, **16 ADEGAS:**
R. do Bomjardim, 361-364 (Esg. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1895; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cor-camp, 638; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esg. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braan-Telef. 314—Foz. EM MATOZINHOS—R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275—Matozinhos. EM VALADARES—R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA—R. do Castelo, 17 e 19.



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Vai iniciar-se a Feira do Livro. Mais uma vez a sombra projectora da extinta Carta Constitucional, mais do seu dador — que não deu afinal grande coisa, segundo as teorias políticas em voga — vai abrigar essa interessante quermesse em que os livreiros abandonam os balcões para buscar o contacto do público e oferecer-lhes, a preço módico, a sua leitura preferida.

Quási ao mesmo tempo, será inaugurada em Madrid a Feira do Livro espanhola. Mas enquanto a de cá consta exclusivamente de livros, a Feira madrileña, e de outras cidades da vizinhação, constará de livros... e chapéus.

Não se descortina à primeira vista a relação que possa haver entre estas duas coisas tão heterogêneas. Mas o ilustre romancista José Francés, num interessante artigo ultimamente dado a lume, explica ao público as razões que os editores e os livreiros tiveram para se aliarem por essa forma.

E' que duas grandes crises vão hoje avassalando a Espanha: a dos livreiros e a das chapelarias. Os rapazes espanhóis são actualmente, consoante José Francés escreve, «gente de cabeça descoberta e vazia». Fazem gala em andar sem chapéu e não ler uma linha. De esta maneira, poderão talvez desenvolver o cabelo. Mas sem dúvida atrofiam os miolos.

Enfim, cabeças sem chapéus e sem conhecimentos. Nunca poderão dizer — nem mesmo depois de terem bebido um copito a mais — que lhes pesa a cabeça. A não ser que casem cedo... porque as preocupações do matrimónio pesam às vezes pavorosamente.

Ora, José Francés, no afan de pôr um óbice a semelhante estado de coisas, descobriu que o

chapéu aformoseia a cabeça e que o livro a enobrece. Quero dizer: descobriu a fórmula, a síntese feliz que concretiza esses dois factos já muito sabidos. Com efeito, o chapéu não se fez só contra as intempéries. Fez-se, também, para adornar. Uma cabeça coberta com um belo feltro é bem mais bonita do que toda a mostra. Sobretudo quando o indivíduo é careca ou tem as orelhas do tamanho de mós de moínho.

Por outro lado, quem lê educa-se, adquire noções e gosto estético. E a ciência e a arte são dois poderosos embelezadores da cabeça humana: Fronte, olhos, nariz, bôca — tôdas as feições — adquirem uma formosura especial, um encanto que não possuiriam sem aqueles dois formidáveis adjuvantes. E' esta, suponho, a «nobreza» a que José Francés se refere.

Tem pois razão o ilustre escritor quando afirma que a antiga fórmula castelhana: «Cobri-vos e falai» deve agora ser substituída por esta: «Cobri-vos e lêde». Vai-se vendo, assim, não é verdade? a aproximação entre livros e chapéus.

Mas Francés vai mais longe: cria o Sindicato dos Obreiros da Cabeça Humana, do qual tem de fazer parte, evidentemente, escritores, editores, livreiros, jornalistas, tipógrafos, chapelheiros, operários das fábricas de chapéus, caixeiros das chapelarias, e até os que trabalham nas fitas e nas caixas de embalagem. Tudo isto faz a Feira do Livro, — na qual quem comprar um livro receberá um bônus que lhe dará direito a certo abatimento na compra de um chapéu, e quem comprar um chapéu terá abatimento na compra de qualquer livro.

Tudo está muito bem. Só divirjo de José Francés no ponto em que alarga demasiadamente a área social do Sindicato dos Obreiros da Cabeça Humana. Se lá devem entrar todos os que trabalham da cabeça, na cabeça, ou para a cabeça, devem alistar-se no Sindicato todos os que fazem contas nas casas comerciais, nas casas bancárias e nas repartições públicas; os cabeleiros, os fabricantes de loções e de pomadas, de capachinhos, e até os fabricantes... de pentes. E mesmo os farmacêuticos, quando vendem pós de Joanes ou tintura de cevadilha.

E porque não as mulheres bonitas? Embora nada percebam de aritmética nem de negócios, são elas quem nos põe a cabeça à razão de juros.

Marcial JORDÃO.

Cruz Caldas

Desde hoje que este artista faz parte da família da nossa MARIA RITA. E ela, que se orgulha de ser a matrona mais perfeita da sua geração, abraça o novo afilhado cheia de alegria e de contentamento.

Cruz Caldas, não é já um desconhecido das lides humorísticas. Por isso, MARIA RITA se abstém de o apresentar.

Céus de Fogo

é um romance forte do Dr. Campos Monteiro (Filho).

CÉUS DE FOGO trata do amor entre os selvagens e lê-se de um fôlego.

CÉUS DE FOGO não tem escabrosidades; mas tem verdade e grandeza de descrições.

CÉUS DE FOGO descreve a paisagem da nossa Africa Oriental, e a sua efabulação obedece à verdade.

CÉUS DE FOGO é escrito por quem viveu anos e anos entre a beleza selvagem que descreve, e tem páginas de maravilhosa contextura.

CÉUS DE FOGO é um romance que fica bem ao lado dos grandes livros de viagens e de amores selvagens.

Preço 10 Escudos

A' venda em tôdas as livrarias e na nossa administração.

No prelo:

ARES DA MINHA SERRA

Novelas de

CAMPOS MONTEIRO

o grande e conceituado escritor nortenho.

ARES DA MINHA SERRA

são novelas transmontanas que toda a gente deve ler.

Um ar da minha graça

é este o título do novo livro humorístico do nosso director.

José de Artimanha, o autor do *Tribunal dos Pequenos Delitos*, pôs neste seu novo livro toda a graça que Deus lhe deu, e por isso o

UM AR DA MINHA GRAÇA

não é um ar apenas: é um livro inteiro cheio dela. Dentro de breves dias aparecerá à venda em tôdas as livrarias o novo livro humorístico de José de Artimanha, que irá de-certo obter um sucesso igual ao seu primeiro.

O preço é o mesmo.

Podem, portanto, fazer os seus pedidos desde já para a nossa administração.

UM AR DA MINHA GRAÇA

Balancete da semana

Reüniu na Alemanha
a tal *Federação*
da *Rainha Luísa*:
quarenta mil mulheres — coisa estranha! —
partidárias da acção
que o Hitler preconiza.
E foi uma assembleia singular,
seguida de um jantar
que teve bem que ver.
Quarenta mil mulheres a falar!
Quarenta mil mulheres a comer!
Assevera um jornal, que não tem minguia
de bons correspondentes,
que elas, depois de dar trabalho à língua,
deram maior trabalho ainda aos dentes.
Quem me dera saber se estas meninas,
ardentes paladinas
do fascismo brutal que lá vigora,
nesse banquete da «Rainha Luísa»
se apresentaram tódas em camisa,
como é da praxe agora...

A peregrinação
à Senhora de Fátima, outrodia,
foi fértil em desastres. E o Simão
Cisneiros de Atougua,
que é livre — pensador,
preguntou-me escarninho:
— «Vai um homem repleto de fervor
rezar à doce Mãe do Salvador,
e sucedem-lhe de estas no caminho?»
E eu respondi: — Simão!
Enorme quantidade
dos homens que lá vão,
fá-lo para intrujar a humanidade.
Batem no peito, com um gesto terno;
vão à missinha... Mas, ao fim e ao cabo,
pelos seus actos, vão ganhando o inferno:
adoram Deus, e vendem-se ao Diabo.
De resto, êsses desastres tem por causa
a rapidez dos carros, que não sabem
andar com juízo, com prudência e pausa
e pretendem passar onde não cabem.
Sedu-los o delírio temerário
de correrem à grande e sem pachorras;
e agora o anexam, muito ao contrário,
é: — Fia-te na Virgem, mas não corras.

Doutor Tiago de Almeida, que em Viana
uma quente homenagem abichou,
contou outra na última semana,
dos médicos que um dia êle ensinou.
Coisa rara, de-certo. Geralmente,
nunca recordação dos estudantes.
ergue um altar ao professor, ao lente
de quem vivem distantes.
Aqui, não foi assim. Pois, com efeito,
vibrando em doce saúdoso afago,
êles vieram, já de abraço feito
de longes terras, p'ra apertar ao peito
o Professor Tiago.
Não fui discip'lo seu no tempo antigo,
mas ao sabê-lo assim tão festejado,
envio com prazer ao velho amigo
um abraço também, muito apertado.

Desde Segunda-feira última que os
grandes jornais de informação andam
alarmados com o estado actual da
Europa. E preconizam, para tóda esta
semana, um sem número de coisas
terroristas que fazem pôr os cabelos
em pé ao mais circunspecto cidadão.

E' o Hitler, sempre o Hitler quem
dá que falar e sôbre quem estão pre-
gados todos os olhos democráticos.

Falta apenas que os grandes diários
informem que há um ôlho sôbre todos,
que nos há de valer agora, já que a
Sociedade das Nações reüniu todos os
crêdores certo e incertos: é o ôlho da
Providência, que a estas horas deve
estar voltado cá para baixo muitíssimo
admirado do que vê.

O Japão quer a China; a Alemanha
quer a Ucrania; a Bolívia quer o Chaco;
a Itália não se contenta senão com as
nossas colónias; o Peru quer a Leticia,
e assim sucessivamente acho que não
há actualmente país algum que não
queira o seu bocado.

E tudo iria muito bem se os naquitos
que êles querem repartir entre si, não
pertencessem a alguém que os não que-
rem largar nem a tiro.

E' claro que esta questão dos bons
bocados vem de trás. Já no tempo de
Cristo se invejava muito e foi por isso
que apareceu o célebre mandamento:

*Não desejeis o bocado do pró-
ximo.*

Só há um homem no mundo que
tem horror aos bons bocados. Este
homem é o Gandhi indiano, que se
não tenta nem com uma pescada à es-
panhola.

Diálogo entre dois pobres muito
pobrezinhos.

— Se o Rolão Preto me deixasse
alistar nas suas hostes!...

— O quê? Tu também és nacional-
-sindicalista de corpo e alma?

— Não, meu caro: Só de corpo!
E' que ando mortinho por mudar de
camisa.

NAS

Galerias Lafayette

— da Rua 31 de Janeiro, 215—PORTO—

todos os artigos
teem um cunho
parisiense inexcédível

AUX GALERIES LAFAYETTE

PROJEÇÕES DE BRAGA

Sifilis e nacional-sindicalismo. A influência da campanha anti-tuberculosa no cangalheiro-mór

A primavera entrou. Aqui e ali re-bentam as árvores e, pela Roma portuguesa, surgem, com as môscas, os primeiros camisas azuis.

Não há, contanto, sintoma sifilítico que possa resistir.

Afinal, os pequenos, a-pesar-de virem em camisa, não foram (por enquanto) apalpadados.

A cidade recebeu-os menos mal, porque os não tomaram a sério e... é pena.

São meia dúzia de crianças de peito, estimadinhas e estilizadíssimas, de encéfalo duvidoso.

Pela idade, vê-se logo que querem mama.

Para êles, o leite é tudo, ainda que tomado por um *biberon* das Caldas.

Exteriormente, usam (claro que as *vestes* internas são muitíssimo suspeitas e devido à verdura talvez mesmo *aromáticas*) braçal encarnado, camisa azul ganga, sem chapéu; parecem homens, porque trazem calças e sapatos.

Confundem-se também com um engraxador no activo.

Decididamente êles também engraxam; com uma diferença apenas: é só a Preto.

Anunciam para breve uma parada de *rolão* e tudo.

Oxalá, de *rolão* ou sem êle, não vão parar abaixo de Braga.

Na velha Brasileira, amigo Alberto Real, com o curso superior na Arte de Enterrar, abancado a uma mesa chupava, tristemente, um misérrimo cigarro.

Acercamo-nos em bicos de pés e, de chofre:

— O amigo que diz? Em que pensa, Real?

Ele (*acordando assustado e olhando-nos semi-tonto*):

Que me não lembra de ter feito um funeral! Nem um caixão de pinho me foi encomendado, Em todos estes dias que lentos hão passado, Uma borla... ferragens... crepes a enfeitar... E tão barato tudo! E então como eu Ninguém leva mais direito um homem para o céu! Ai como eu sei fazer um funeral cauta!...

Nós (*atalhando*) — Só se dedica a enterros?

Real (*prontamente*) — Sim, ó sim, de-certo!

Ele é um emprêgo honrado a mais não poder ser... E que alegria sinto s'enterro uma mulher! E como se em lugar dela jazesse inanimada Uma pantera que de balas foi furada! Se dedico!... Eu comeci tinha vinte anos! Não tinha pai nem mãe, mas tinha quatro manos! E para os sustentar creei a Funerária, Sem dúvida, a maior de tôda aquela área! E como antigamente a tísica imperava, Escudos, mais escudos eu sem cessar ganhava! Fiz certo dia p'ra um ricaço dos Peões, Um mui largo caixão com altos corrimões. Porém, o meu sucesso, o que mais deu na vista, Foi quando enterrei um trouxa integralista. Levou... no ataúde: a foto do Rolão; Calcinhas de setim, camisa azul... fustão.

E a forrar o esquite a tresandar a fénico, Retratos de D. Nuno em papel higiênico. E quando foi então baixado à fria campá O azul logo passou à parda cor da...

(*Numa revolta sindicalista:*)

E porque não hão de voltar êsses tempos d'outrora? Por estas e por outras é que minha alma chora! Como eu soffro hoje, p'ra aqui sempre parado...

Nós (*azuis de comoção:*)

Amigo, grande amigo, tenha calma! Então!!

Real (*caíndo abaixo da mesa, aflitissimo:*)

Ai! Pois não viu Deus que eu tenho coração! E que p'ra o ter tem-se por força de comer E que p'ra eu comer tem o povo que morrer?!... Ai não via! Ai não! E deu consentimento P'ra luta anti-tísica. Atroz o meu tormento!

(*Mais calmo:*)

E como os conferentes afirmam com calor Que os bacilos se dizem sem horror, Estes pobres compinchas da beleza humana Amnam e não matam com a mesma gana!

(*Chora outra vez.*)

Nós (*com as lágrimas em fio, sem ser de escócia:*)

O' bom amigo, camarada, ó Real!!

Ele (*lívido como uma senhora sem pinturas:*)

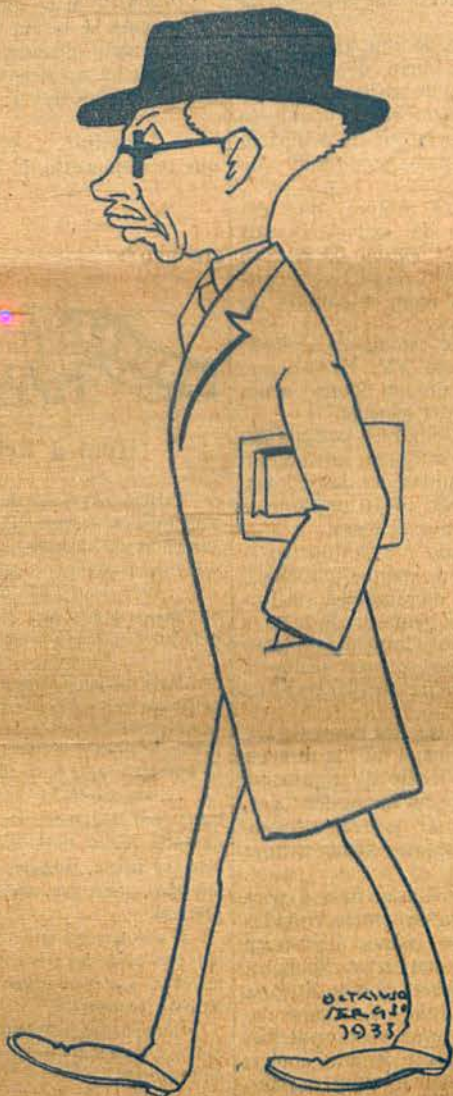
Afinal, Foi essa a tal semana que me fez bem mal! Oh, mas eu amanhã hei de também servir Os conferentes, já mortos, que hoje sabem rir!...

Reporters UNIDOS.

PERFIS DO PORTO

XLII

PAUL QUERETTE



Um francês que é amigo dos portugueses, ensinando-lhes a sua língua e o mais que êle sabe

Por vias e travessas

(ANEDOTA)

O Ilustríssimo e Excelentíssimo senhor Comendador da Boa Marca, era uma das criaturas mais consideradas em Cabeçais de Cima. Culto, ilustrado, bom falador e melhor contista, era mesmo o que se chama um homem necessário em toda a parte.

Não havia jantar, copo de água ou sessão solene lá na terra, onde não fosse chamado o Comendador da Boa Marca como prato indispensável para o discurso de abertura.

Chegava até a ser lamentável que sendo ele obrigatório em todas as funções, não fosse senhor da mais elementar função dum bom conviva.

Durante muitos anos alimentou-se a leite; mas ultimamente nem isso o deixavam ingerir os descarvoáveis médicos, alegando que essa bebida ia irritar cada vez mais a ulcera que o consumia atroamente.

Vivia, portanto de uma alimentação artificial, ora por meio de injeções, ora por intermédio de pastilhas condensadas, mas quasi sempre obrigando-se a ingerir por uma via que de ordinário só serve para dar passagem aquilo que se ingeriu.

E era por esse motivo, que em qualquer parte onde estivesse mais que duas horas, lá estava também o seu fiel criado com o respectivo irrigador e a garrafada com a comida do senhor Comendador.

Em face deste *modus-comendum*, facilmente calcularão VV. Ex.^{as} o que custava ao nosso homem acorrer a um banquete de qualquer espécie.

Mas era imprescindível, porque em Cabeçais de Baixo ninguém sabia como ele dar as boas-vindas, as despedidas, ou fazer o elogio de corpo presente, a qualquer visitante que lá fosse.

Portanto, quando o sr. Ministro lá foi à inauguração da cabine telefónica, e que se resolveu oferecer-lhe um formidável banquete, a gente grada da terra teimou, e o nosso Comendador não teve outro remédio se não aceitar a incumbência de iniciar os discursos na sala do banquete.

E' claro que ele alegou os seus males, a sua desgraça, a arrelia de estar horas e horas em frente de uma mesa repleta de iguarias sem lhe poder tocar, e a consumição de ter de levar o criado para que não falhasse o cister à hora costumada.

Ainda houve quem alvitrasse para o Comendador ficar de costas voltadas para a mesa, mas outros lembraram que isso pareceria mal ao sr. Ministro. E por isso ficou assente que se disporia a mesa de forma a que o sr. Comendador, ficasse junto a uma porta, por trás da qual se colocaria o criado com o irrigador, já de antemão preparado para alimentar sua Excelência.

E assim se fez.

No dia do banquete tudo correu à mil maravilhas. Na altura do assado o nosso Comendador ergueu-se para elevar a sua taça em glorificação a tão illustre visitante e o criado aproveitou a aberta para enfiar na boca em exercício do orador, o bico do bule alimentador.

Bem sucedido, como sempre, foi ovacionado e voltou a sentar-se, disposto a saborear o seu manjar predilecto.

Circulava nessa altura o café, e já o administrador da terra se preparava para especionar o discurso decorado antecipadamente. Quando este se levantou, a sala era toda expectativa. O administrador tossiu, voltou a tossir, e as colheres deixaram de remexer nas chavenas.

Podia ouvir-se uma môsca, quando de repente se ouviu a voz do Comendador meio abafada, mas autoritária, dirigindo-se ao criado que estava por detrás do reposteiro:

— Joaquim!... Tira isso, tira. Olha que te esqueceste do açúcar.

J. d'A.



Hino à Primavera

Estamos na primavera, a estação dos amores. Maio rompeu, perfumado e florido. Pelos campos zurram burros ansiosos, inquietos, atirando para o ar os seus cânticos pagãos...

... Nas cidades não há burros que zurrem. São mudos de nasença. Em troca, podendo, dar cada par de coices nos amigos!...

Maio fragrante estende pelas campinas o seu tapete cromático, oloroso. De flor em flor, zumbidores, açodados, esvoaçam zangãos, sorvendo pótiens, aspirando néctares, procedendo involuntariamente à santa obra da fecundação vegetal...

... Nas cidades há muitas flores também, mas flores sem fragrância. De quinze, de dezóito, de vinte-e-cinco anos. Rosas, margaridas, etc. Não lhe faltam, também, zangãos zumbidores, atrevidos, que tentem aspirar, sorver o seu néctar precioso.

E que importa que o façam? As flores nem por isso perderão a sua frescura, começarão a murchar, a prepararem-se para o sagrado mistério da fecundação!

Continuarão, pelo contrário, sempre virgens, cada vez mais virgens, tal qual como as do abade de Prévost!

Dr. KNOX.

Já agora, aí vão mais algumas, das muitas e milhentas cartas que temos recebido:

Fernanda — A sua letra, que contra o combinado, me chegou num perfumado e elegante cartão, em vez de vir, como as outras, numa mesmo muito velha nota de vinte *manguços*, diz-me que você é uma alma sensível, melindrosa, um temperamento requintado e sensível.

E já agora, aí vai uma historietta: Há em Africa uma planta muito linda, muito verde, de folhas assetinadas e macias. Quem a vê tem a impressão de que é bem fácil passar por ela, transpondo-a de repelão, arrumando com um gesto forte as suas frágeis e tenras folhas. Mas, aí! Por baixo delas estão uns espinhos finos, acedros, que trespassam facilmente a mão do atrevido. Para a passar, é preciso ir com cuidado, com delicadeza.

Você, minha cara amiga, é como essa planta que eu por lá conheci.

Uma grêta n.º 2 — Vejo, pela maneira como a mão lhe treme quando começa a escrever palavras que comecem em *pp* ou que tenham muitos *rr*, que tem tanto horror aos homens que a sua vontade era... comê-los.

A sua escrita, toda despenteada e cheia de gatos ortográficos (gatos que, pelo tamanho, mais parecem tigres de Bengala) diz-me a grande vocação que você tem para vir a ser um dia uma *estrêta* célebre.

E se não fosse o acanhamento, o *pêlo* que adivinho no seu temperamento um pouco medroso, dir-lhe-ia que ainda um dia a havia de ver maior, e mais desempenhada que a Crêta Carbo.

Assim, não passará de uma grêta... *peluda*.

Dr. OX.

Do sr. Albino Guedes de Grijó, recebemos a carta que se segue e que publicamos, pelo menos, tão gostosamente como ele costuma tomar o *remédio*.

Meu caro Sr. J. d'A.:

Conforme é de Lei, venho pedir-lhe para inserir nesse semanário o meu protesto contra as frases pouco correctas que o *grafólogo* Dr. OX. (também conhecido pelo Doutor Galo) fez publicar no último número da MARIA RITA, em resposta a uma consulta que fiz e para pagamento da qual enviei uma nota de vinte escudos que ele disse ser falsa. Falsa foi a resposta, que a nota era boa. Comprei-a novinha em folha por 6 tostões numa casa grande em frente à Cordoaria.

No que respeita à primeira parte da resposta, ainda convenho que não foi *desacertada*. Gostar do belo fêmeago não é crime, desde que a mulher de cada qual não o saiba, ou que seja viúvo como o tal Dr. Galo.

Porém, vir afirmar que *viu nervosismo* na forma como acentuei a palavra *copo*, acho que é uma incorrecção e mais que isso é uma *inconfidência* imperdoável num médico.

Não escrevi nem escrevo *copo* ou *copos*. Bebo por eles, mas como remédio e receitado há longo tempo pelo mesmo Dr. OX. por alhunha o Dr. Galo, receita que é *avista* na Adega do Olho ali na travessa dos Caldeireiros, onde íamos ambos (eu mai-lo tal Dr.) mas... acabou há muito porque ele tomava mais remédio que o doente.

Peço portanto para publicar este *desabafo* e *limar* os esporões do tal Dr. Galo, para ver se ele encolhe a crista, e não faz pouco de pessoas que lhe dão o dinheiro a ganhar em consultas grafológicas, que são, afinal, verdadeiros contos do vigário. Seu amigo A. G. — Grijó.

N. B. — Se o Dr. ainda tiver a nota era favor devolvê-la porque tenho quem dê quinze tostões por ela.

DESCANSO SEMANAL

O formidável poeta de Moçambique, Augusto Adonis de Conrado, vai dizer de sua justiça

DE ONDE SE PROVA QUE A ASNEIRA VAI MUITO ALÉM DE CACIA — UM POETA, UMA BESTA E UM PORTENTO — TRES PESSOAS DISTINTAS E UM CACIANO VERDADEIRO

Rei morto, rei pôsto!... E é bem certo. Já andávamos arreliaados com a falta do *Ecos de Cacia*, porque estávamos convencidos que, jamais, encontraríamos substituto condigno. E eis senão quando, o correio nos atirou para cima da mesa com um livro amarelo, de mão amiga nos tinha remetido de além-mar.

Trazia a seguinte dedicatória:

A' MARIA RITA: para o seu *Descanso Semanal* — e sem ofensa ao «*Ecos de Cacia*».

Ilha de Moçambique 14/3/33.

Lector amigo.

Confessamos que este geito de dizer nos deixou indiferentes. Era lá possível que alguém pudesse ofender o jornal do Damião!

Mas fomos lendo... e realmente o livro do sr. *Adonis de Conrado*, a que ele chamou

Fibras de um coração

é qualquer coisa de extraordinário, de formidável, de hiper-hiperbólico. As asneiras saltitam como pulgões em cão que nunca viu água.

A forma, então das *Feveras de um coração* é tudo quanto há de mais apalhado, estapafúrdio, específico londrífico.

E porque assim é, porque livros destes não de ficar na história dos irracionais, agarrados à besta que lhes deu o ser, iremos transcrevê-lo, totalmente e sem lhe alterar uma vírgula.

E' provável, é certo quasi que os nossos leitores ao lerem tantas iguarias asnáticas, duvidem das nossas transcrições e lhes apeteça passar os olhos sobre o original. Por essa mesma razão o não inutilizaremos, deixando-o à disposição de quem queira, para a respectiva consulta Saotoméiana.

E vamos lá ao livro do Adonis.

O coração que não ama

A' linda cidadã Lucrecia C. Real
minha patriciã.

I

O coração que não sente e não ama,
E' um indigno, imbecil que infama
A humanidade, aos outros corações
Que febrilmente com lufa se debatêm
Nas ondas do Oceano, mar de emoções!
Benditos sejam esses possessores de todo o Bem!

II

O coração que não ama, não tem tom,
Não tem ponto na evolução mental, geral
De toda a espécie de animais
Irracionais e bestas racionais.
Não tem seu nome registado na completa lista, gera!
De todo o bicho, e ignoto, universal.
Deixou de existir; não se lhe ouve o som.
Não vive, não sente e não tem acção.
Morreu sem saber o que há de mais Bom

Como vêm o nosso Adonis faz o seu livro em estrofes. E o português não é de preto porque preto também ser gente. Não há, não pode haver comentário possível a tamanha burricada. Vamos à segunda:

Mulher!

Quero que o «mundo»
me «cruxifique» no teu seio!

III

Formosa! Tu és o cofre precioso onde
A minha vida se encerra!
Nos teus palpantes arquejantes Seios é onde
Que eu quero que o «mundo», após de me ferindo,
Me cruxifique, cobrindo
A minha alma de terra.

IV

Que me importa a mim morrer,
Contanto que no teu coração, Mulher!
Eternamente, gosando, eu viva,
E b' teu tam delicioso Seio de abrigo me sirva!

Eu sempre queria saber a opinião do mestre Afonso Lopes Vieira... A do sr. Teixeira de Pascoais, bem de-certo era favorável ao poeta. O que não percebemos é a razão das estrofes irem seguindo a numeração.

E já estamos na terceira poesia.

A tua imagem!

V

Oh! como pode o meu coração
Nesta solidão te esquecer
Se a dormir ou acordado, na visão,
Estou-te sempre a ver?

VI

Essa tua divina imagem radiante
De esplendorosa formosura!
E' d'uma fulgurante
Vênus toda doçura!

VII

A tua visão
E' um sol que tam docemente alumia
O meu triste coração!
Os teus lindos olhos é a minha alegria!

Esta, dá-lhe direito a um sincero cumprimento do sr. Joaquim Leitão, o homem que foi condenado ao trabalho perpétuo de secretariar a Academia de Ciências.

E já que estamos com a mão na massa, vamos mostrar a V. Ex.^a ao que conduz a má redacção. Recortamos do

Diário de Notícias

O perigo das grandes velocidades

AMORA, 30. — Pelas 21 horas, um automovel da praça de Cacilhas, guiado pelo motorista Alberto Pinto, ao descrever uma curva proximo da quinta do Castelo, que ia com excessiva velocidade, ao tentar desviar-se dum outro que estava parado, foi de encontro a um prédio, voltando-se.

O «chauffeur» ficou bastante ferido, ficando incólumes duas pessoas que nele seguiam. O carro sofreu grandes avarias.

Donde se depreende: Primeiro; que a curva é que ia com excessiva velocidade. Segundo; que as duas pessoas que ficaram incólumes iam acavaladas no *chauffeur*, e não no carro.

Mas não haverá maneira de se evitarem estas coisas?

Também *O Jornal de Felgueiras*, insere a seguinte notícia, que tem a sua graça e os seus erros.

Lusinha

Dia 22 — Luz regular.
Dia 23 — >
Dia 24 — >
Dia 25 — >
Dia 26 — >
Dia 27 — >
Dia 28 — >

O Largo do Campo da Feira, está, pôde dizer-se assim, completamente às escuras. Ainda há dias os Ex.^{mos} Sr.^s Dr. Guilhermino Nunes e Auspicio Ferreira, tiveram por véses, de ir esbarrados contra as tlias, quando umas pardacentas nuvens encobriam a lua.

Pedem se providencias.

Não percebemos também. Então se a luz, segundo o que acima se lê, foi regular durante toda a semana, em que dia foi que se esbarraram contra as tlias os distintos felgueirenses? A não ser que os motivos fôsem outros e que o articulista quis esconder propositadamente.

Para o Dr. Guilhermino a coisa passou regularmente; mas para o sr. Ferreira foi o que pode chamar-se um mau *Auspicio*.

Amigos, amigos, negócios à parte

Aqui é que está a França. Mas Portugal também ser gente!...



simo país, que de ordinário não se importa muito com o que importa. E menos ainda tem costume de se importar com o que costuma exportar.

Mas em lhe tocando no vinho é capaz de fazer as piores diabruras. Toda a gente sabe, todo o mundo deve saber que o *Port Wine* é o vinhíssimo do Pôrto. E este, meus senhores — por mais franceses que sejam — é nado e criado ali, nas bordas do rio, lá para cima, entre fraguedos e oliveiras raquíticas, no meio de urze daninha e de tojos mal disfarçados.

As uvinhas são só nossas e passam os demónios para conseguirem exportar dois milititros daquela coisa que põe os ingleses em estado de se não importarem com o Hitler, e os alemães mais taxados do que o bacalhau francês.

Onde é que está o gato?

Pois como fomos dizendo, a França tratou os nossos vinhos muito por

baixo. Já aqui há tempo, quando foi da questão das conservas, ela arranhou com que apenas entrassem lá na terra as sardinhas sem caroço. Mas os nossos pescadores, que são tão destemidos que mandaram o Alvares Cabral descobrir os brasileiros, passaram a pescar a sardinha já com a espinhela caída. Foi então que os vinhateiros franceses, que produzem um vinho incapaz de embebedar alguém, desataram a colar cartazes nas paredes de Paris, dizendo entre outras coisas que os nossos vinhos eram feitos todos pelo Fortunato Silva e pelo José Dias Santiago, e isto deu que pensar ao presidente do ministério francês, que gosta da boa Pinga.

O que disse a França

Foi então que o tal presidente, julgando apanhar o nosso Salazar adormecido sobre o «Tejo», ou imaginando que ele não passava de um Gonçalo «velho», pregou para cá com uma pauta aduaneira de tal forma equitativa, que um francês que gostasse de beber vinho sem mistura, mais lhe valia meter-se no *Sud* e vir cá embebedar-se, do que comprar uma garrafa em qualquer bar dos *Boulevards*.

Por essa nova tabela, uma pipa passava a pagar mais por entrar em França do que uma família de judeus que viesse corrida da Alemanha.

E isto não podia continuar! Isto era insuportável!

A resposta de Portugal

Foi então que deu sinal a trombeta Lusitana.

E os *maitres* que o som terrível escutaram, contra o peito as tarifas apertaram.

Mal que no Oriente da França despontou o gesto amargo de cotarem o nosso vinho como se ele fôsse feito de Lágrimas de Cristo de verdade, os poderes públicos portugueses responderam com um arreganho nunca visto.

Contra a *tabela* francesa, o nosso ministro respondeu com um *massé* perfeitíssimo, que se não estamos em erro, há de vir a dar uma bola a recuar.

E quando toda a gente esperava ver nos jornais a nomeação oficial de uma comissão com plenos poderes para tratar de tão complicado assunto, apareceu, imediatamente a contrapartida.

Os géneros mais atacados

Infelizmente, para nós, há produtos franceses insubstituíveis, e que a nova pauta vem colocar numa situação insustentável.

Damos em seguida a lista dos géneros importados de França mais atacados, e o quantitativo aplicado nas alfândegas:

Meninos vindos de Paris: 1 conto ouro cada quilo.

Meninos só com 7 meses: 2 contos ouro cada quilo.

Nesta mercadoria aumenta o imposto à medida que diminuir o tempo.

Meninos com os olhos inteiramente fechados: 5 reis apenas.

Meninos com intervenção do verificador: mais 1:000 escudos.

Meninos com despacho prévio: grátis.

E' claro que as meninas pagam a mesma coisa.

Por causa desta parte da lei, foi o respectivo ministro procurado por uma comissão de parteiras não obstétricas, na disponibilidade, que lhe entregou uma formidável representação, protestando entre outras coisas, contra o alastramento dos *camisas* por todo o orbe terráqueo.

Os perfumes

Igualmente foram atingidos pela nova pauta os perfumes franceses. E assim:

O *Pate-chulé* que até agora não pagava nada, passou a pagar uma exorbitância por cada pitada.

O *Umbigant* que ordinariamente se usa a meio corpo, foi de tal forma atingido que é impossível perfumar-se a gente. E o *Coty* que vem tão de traz, ficou impossibilitado de voltar a usar-se entre nós.

O cheiro a bacalhau é permitido.

E a lei, como todas as leis, é dura. Não nos diz mais nada. Podia ao menos aconselhar-nos. E em substituição dos perfumes franceses, poderia dizer-nos, por exemplo:

Paga "Naly" não vás mais longe

Por causa disto também consta que uma comissão de mulheres portuguesas vai protestar junta de Sua Excelência o sr. Ministro. A reclamação, segundo o que apuramos, versa entre outras coisas o seguinte: protestar contra a proibição dos perfumes, que segundo ela,

fazem parte integrante do seu meio. Conveem e muito bem que seja proibida a importação do bacalhau francês; mas aos outros perfumes que seja facultada a entrada em Portugal.

A opinião da MARIA RITA

E' que a lei não tem ainda a dureza necessária. Que nos conste não foram ainda tabeladas as *saldas à francesa*, nem as entradas às mesmas.

E se pensássemos bem nisto, ver-se-ia claramente que a industrial nacional está sofrendo uma enorme concorrência.

Concorrência essa, que é tão desleal como imprópria dum povo que



sempre nos cativou, que pelos bons olhos que as suas mulheres nos deitam, quer ainda pelo muito que o francês é praticado no nosso país.

ESTA questão das tarifas alfandegárias tem trazido a nossa MARIA RITA de pé atrás. Nunca julgamos que a França a nossa aliada de 1915 e o velho baluarte da liberdade, fôsse capaz de nos fazer uma destas.

Nós fazemos parte de um pequenís-



✝ A Q U I J A Z

Continuação do concurso da MARIA RITA 50\$00 ao melhor epítáfio publicado

Dorme aqui, neste lugar,
O cauteleiro Canelas.
Morreu, a-pesar-de andar
Sempre com muitas cautelas.

Remetente: Lérias.

Repousa nesta mansão
Um asceta fervoroso,
Que se julgava ditoso
Em ser um santo varão;
Teve uma escorregadela
Com a criada que o servia
Morreu de uma apoplexia;
Foi de palminho e capela!...

Remetente: D. Juan.

Aqui jaz Francisco Costa
Que viveu muito contente,
Veio a morrer d'uma aposta
De beber muita aguardente.

Remetente: Reirobi.

Aqui jaz um bom velhote
Grande «estoura» por sinal,
Não deixou nem uma cheta
P'ra ajuda do funeral!

Remetente: S. T.

Aqui jaz sogra tão boa
Que o diabo arreliou...
Fujam dela se a virem
Que dizem: ressuscitou!...

Remetente: S. T.

Aqui jaz o Damião
Que Cacia há pouco teve
Escritor de padaria,
Foi da asneira o campeão
E nem assim obteve
Um lugar na Academia.

Remetente: E. S.

Aqui jaz o povoador
Do cemitério da aldeia.
Cirurgião de mão-cheia
E abalisado doutor
Acabou com os doentes
Que tinha na freguesia
Assassinando os clientes,
Pois, curá-los não sabia.

Remetente: Elmano Siamor.

Neste túmulo gelado,
Jaz o corpo, ainda quente,
D'um trovador muito amado,
Que morreu, cantando o fado,
Co'uma «pinga» d'aguardente.

Remetente: A. L.

Jaz neste Campo Sagrado,
O amigo Vasco Abreu,
Que em 6 de Outubro nasceu
E hoje foi enterrado.
De desastre faleceu,
Por ser muito desastrado;
E por caixão escolheu
Um tonel bem atestado.

Remetente: Agá Larbac.

Aqui jaz um «bom» amigo
De «Peniche» e muito mais...
Por tanto bem qu'espalhou
Está no céu entre os pardais!

Remetente: S. Tirso.

Aqui jaz a minha sogra,
Que morreu num certo dia;
Por ter comido uma cobra,
Pensando ser uma enguia.

Remetente: Zé Barão.

Aqui jaz o Eugénio Bolonor,
Padre Nacional Sindicalista,
Apreciava as beatas com ardor
E era, no confesso, um grande artista.

A sua alma baixou à profundeza,
Onde Lúcifer impera com maestria,
Não deixando que esta impureza,
Se veja novamente à luz do dia.

Seguindo as pisadas do Loiola
Ele atíça o fogo e, sem cessar,
Queima tudo o grande mariola.

Mas um dia, por azar, êle tropeçou,
Mum diabo que estava a agonizar,
E caindo, na fomalha, lá ficou.

Remetente: A. S. P.

(Continua).

Quem não puder comprar a MARIA RITA, peça-a emprestada. Desta forma terá graça, de graça ::

O calçado de fama
53, Largo dos Loios, 54—PORTO

DIANA

Vendas a prestações com bonus
Telefone, 5477

Dizeres do povo

Era uma vez um homem que tinha um cão. Estou certo que os leitores acreditam no facto que é tão verosímil como outra vez haver uma velha que tinha um gato.

Todos os homens podem ter um cão, até os cegos e os relojoeiros. Mas aquele homem que tinha um cão tinha, também, além de outras coisas, uma particularidade: gostava de lebre.

Um dia, banqueteara-se à mesa, com uma lebre magnífica que lhe haviam mandado de presente. Presente se encontrava também o cão que, para melhor compreensão, se chamava, a-pesar-do seu feitiço pacato, "Terror".

O homem que tinha um cão e que gostava de lebre, comia, com requintes gastronómicos, o seu petisco preferido e, rapando com a dentuça, até à mínima parcela de carne, os ossos daquele mamífero bastante venatório.

Quando terminou, o prato parecia um ossário. Cabeça, tronco e membros da pobre lebre, só podiam, antropológicamente, analisar-se pelo esqueleto limpinho.

"Terror" olhava o dono com aquele olhar inteligente que faria envergonhar muitos homens que se julgam superiores intelectualmente aos cães.

O amo pegou no prato e colocou-o no chão. "Terror" foi mordendo, um a um, e digerindo, depois de triturados, os ossos tenros da lebre. No fim, lambeu os beiços, como satisfeito.

O homem que tinha um cão, olhou o seu companheiro e teve este *desarrique* filosófico:

— Meu amigo: o Mundo está muito bem feito. Tudo tem utilidade. Repara como as coisas estão tão ótamente dispostas que, há quem, como eu, gosta de carne e quem, como tu, gosta dos ossos!

O cão sorriu. Sorriu e replicou, por *blague*, que não por censura:

— E quem te meteu na cabeça, ó Lucas, que eu também não gostava de carne?

Evidentemente: o homem que tinha um cão e gostava de lebre, chamava-se Lucas.

O meu sapateiro pediu-me, há dias, umas luvas emprestadas para ir a um casamento.

Eu não compreendi bem a razão por que o sapateiro ia a esse casamento, mas também não tinha razões fortes para o aconselhar a não ir. Emprestei-lhe as luvas. Mas dá-se o caso, de que lhe pedi desculpa, das mãos dele serem muito maiores do que as minhas e, portanto, das luvas lhe vestirem horrivelmente.

Ontem veio trazer-me uns sapatos que, realmente, me assentam muito bem. O meu sapateiro, comentou como quem tem grande conhecimento de causa, o que é natural:

— *Calçam-lhe como uma luva...*
Decididamente, este homem não tem bom-senso...

Há duas profissões que teem a minha particular antipatia: os apanha-cães, e os revisores da Carris. Os apanha-cães pelos motivos que lhes teem grangeado a antipatia geral, até mesmo dos cães. Ainda outro dia tive conhecimento da prisão de dois, e se conhecesse o polícia que efectuou a detenção, dava-lhe um grande abraço.

Os revisores da Carris são as pessoas que mais me irritam os nervos. Entram aos quatro, dentro dum carro eléctrico, uns atrás dos outros, nesse sempre inútil serviço de fiscalização.

— O seu bilhete?
E a esta tirânica pergunta eu tenho de rebuscar uma vez, e outra, e outra, os bolsos, à procura do rectângulo de côr que tem de receber mais um furo.

Aqueles prescindíveis profissionais que andam ali, como quem desconfia dos camaradas condutores, não os admito. Quando os vejo sinto-me anarquista, sinto-me *Landru*...

Se um dia eu endoidecer, de-certo hei de matar alguém. E' uma coisa que os doidos fazem para marcar a sua posição. Ou mato um *apanha-cães* ou liquido um revisor dos eléctricos...

Rui de ORTEGA.

Razão de pêso



— *Aquele rapaz que agora entrou é dum educação refinadíssima.*

— *Nem admira. O pai é o maior negociante de açúcar cá da terra.*

Décimas... dentro do praso

Foi «escôva»...

Foi dito em ar prazenteiro
(O que a certos causou mágua...)
Ter sido lançado à água
Um garboso torpedeiro.
Não deve ser verdadeiro
O que afirmam, podem crer;
A nova posta a correr
Não passou de um mau gracejo:
— O Tejo lançado ao Tejo!...
Vejam lá se pode ser!

Ora ainda bem!

Depois que um ano já vai
De luta no mar e em terra,
Bolívia declarou guerra
Ao vizinho Paraguay.
A gente de côr's cai,
Coçando o alto do *caco*,
E um pensamento... *macaco*
Nos vem à mente abrasada:
— Com a guerra declarada,
Vamos ter a paz no Chaco!

BISNAU.

ANUNCIOS da MARIA RITA

AOS GASTRÓNOMOS!... — A acreditada livraria Tavares Martins (do Jesus) acaba de pôr à venda um formoso volume de culinária escrito pelo nosso amigo Joaquim Mota.

Contém esse volume 20:000 receitas, incluindo as receitas médicas para alguma indigestão que se possa apanhar.

Editado com todo o luxo, basta trazer este livro alguns dias metido entre a camisa e a pele para se engordar cinco quilos.

Que o use quem não acredita!...

Preço — 10 escudos (sem vinho).

AOS DOENTES!... — Médico formado pelas Universidades de Berlim, Vladivostok, Irkutsk e Tombuctu, cura toda a classe de dores sem o menor medicamento.

Conhecedor profundo da alma humana, limita-se a sofrer tanto ou mais que os próprios enfermos, chorando e berrando, se preciso for, acabando os pacientes por se rirem da sua própria doença, desprezível ao lado daquela que o sábio estampa no rosto.

Pêde-se o favor de levarem lenços de casa para enxugarem as lágrimas do médico e uma ou duas notas (à vontade do freguês) de cem escudos para... preparos.

Consultem o maior exemplo de fraternidade humana!...

QUIOSQUE! — Passa-se, um que há ao lado da Estação, Negócio garantido, embora não seja muito limpo, mas de abundantes entradas na caixa ao fim do dia.

Não se põem papéis a anunciar que o quiosque se aluga, porque algum freguês mais atrevido se podia servir deles para fins inconcessos.

Ocasão única, para quem desejar colocar capital em negócio de sêcos e molhados (principalmente em molhados).



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

1 ANO-N.º 9

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO ♦ REDACTOR: REI DAS MUSAS

20 DE MAIO DE 1933

QUADRO DE HONRA

BUSINA
REI DO ORCO
HORACIANO
OHNIDOG
REIROBI

Decifrações do n.º 7 — 1) Baía, 2) verde
3) Curasão, 4) Assindalha, 5) Ochála, 6) Exgotado, 7) Arrebebo, 8) Cabeira, 9) Félisvela, 10) grãodura, 11) Dormedário, 12) Cáocurso, 13) Alimal, 14) Idoardo, 15) resinto, 16) reposta, 17) Entrebista, 18) Caparica, 19) Patrão fora, dia santo na loja.

Decifradores: Busina, 19; Rei do Orco, 19; Horaciano, 19; Ohnidog, 19; Reirobi, 19; R. A. Franco, 18; Pilatus, 18, Seria, 18; Tonis, 18; Zé Barão, 17; Rutra Luar, 17; Onairda, 16; Só Darco, 16; A. Ventura, 15; Feirante, 14; Edipo, 13; A. Silva, 13; Lérias, 13; Fantasma Negro, 12; Monteiro II, 12; F. J. Rodrigues, 11.

ATENÇÃO — Horaciano foi o único que conseguiu matar a pergunta sofismática da nossa colaboradora Sirigaita, inserta no nosso n.º 6, motivo porque dentro em breves dias lhe será enviado o livro *Um ar da minha graça*. Queira dizer o endereço e... muitos parabéns.

Enigmas em verso

(1)
Sou comprido e adelgado
Tenho uma forma inter'ssante,
Sou bastante disputado,
Por muita dama galante.

O meu comêço um C tem
E' um O o meu final,
Um R e um A também
Fazem parte do total.

Agora p'ra terminar
Decifrador genial,
Lhe desejo demonstrar
Um caso sensacional.

Uma menina bacana,
Fêz esta coisa que espanta,
Chupou-me com tanta gana,
Que lhe cheguei à garganta!

Rei das Musas.

Charadas em verso

(2)
Preversa tu és, sòmente, — 1
Devido ao que me fizeste
E por cima, num repente,
Com o desprêzo me deste.

Já depois arrependida
Me vinhas pedir perdão;
Cujo perdão delambida, — 1
Não te darei mulher, não! — 2

P'ra que fiques descansada
Aqui mesmo te direi;
De ti não quero mais nada
Porque mulher já arranjei.

Sepol.

(3)
Duas vezes espertei — 1
Para fora do postigo;
De espreitar 'té me cansei,
Porém nunca dei contigo!

Causa arrelia, acredita, — 1
Eu tanto ter de espreitar,
E por fim ter a desdita
De nem sequer te enxergar!

Espreitei para o quintal,
Espreitei para a viela
Espreitei p'ro cabanal
E não te vi Gabriela!

Por mais que eu abraço o ôlho,
— Pois eu abrio-o a valer —
Oh! minh'alma de repollo,
Não fui capaz de te ver!...

Olegna.

(4)
O desastre financeiro — 2
De que soffro quêdo e mudo,
Só tem por base o dinheiro,
Que vejo por... um canudo.

Porém, encontrei agora,
Um remédio salutar:
Vou vender por aí fora,
Uma planta... p'ra queimar.

Bisnau.

Novíssimas

(6)
Quando abano o meu corpo já curado
é logo um desassossêgo. — 3, 1.

Lizé,

(7)
Tem ousadia para olhar a beldade
que vai na embarcação! — 2, 2.

Nicles de Tricles.

(8)
Quem êste pronome decifre, ganha
um fruto. — 1, 2.

Sepol.

(9)
Se V. chegar a ir aquela praia, não
se esqueça de levar os lumes. — 1, 1.

Fantasma Negro.

(10)
Por estar devoluta a pintura resulta
uma insignificância. — 2, 2.

Tripeiro.

(11)
Causa comichão apenas no princípio.
— 2, 1.

Odnanref.

Sincopadas

(Com duas decifrações)

(12)
3, A marota, roubou-me a toga! — 2.

Busina.

(13)
3, Termino na moeda. — 2.

Nicles de Tricles.

(14)
5

Sepol.

(A Rei do Orco em retribuição)

(15)
NOTA 6 NOTA

Horaciano.

Provérbio a adivinhar

(16)
O Izidro ali da tenda
Anda irado, não se entende!
Uma velha, por contenda,
Diz mal de tudo qu'el' vende.

E o que é mais curioso,
E' que a fúria não se cala,
E o tasqueiro furioso
Até já perdeu a fala!

Disse-lhe eu: Izidro amigo
Trata já de te acalmar
Recorda o ditado antigo:

Lérias.

POSTA RESTANTE

Seria — A modéstia em extremo, torna-se em vaidade, segundo dizia Diogenes aos seus apuniguados. Por conseguinte, continue que tem as nossas portas sempre escancaradas.
Gravura à Mão — Mande e seja muito bem vindo a esta mansão de paz e harmonia.
Amarantino — Tem certa habilidade, não se pode dizer o contrário, mas... faça mais um esforçozinho e será a Estrêla desta secção.

Quem é?

Algumas mulheres matou,
Foi assassino malvado!
Mas com a vida pagou,
E agora ressuscitou,
Na carris, é empregado.

No Pôrto, é mui conhecido,
Há, porém, quem o não grame
Pelos ditos, atrevido,
Pois eu estou convencido,
Que êle só quer' o arame.

Rei do ORCO.

Decifração do número anterior — Quem é?
Marcial Jordão,

Matadores: Sô Darco, Delfim de Freitas,
Rei do Orco, Horaciano, Zé Barão, Pirilau.

Confessionário para todos os sexos

(Masculino, feminino e eclesiástico)

Mais outra secção que a nossa MARIA RITA vai instituir, ou seja mais outro triunfo a juntar a tantos outros, tantos que até já lhes perdemos a conta.

Benigno Contente — *Avêds do meio* — Não! O' nunca! Em tempo algum! E' assombroso, é espantoso, é perigoso; essa só de Lombroso: de desconfiar da sua legítima e confortável espôsa.

Pois como quer o senhor que uma menina, pesando noventa-e-três quilos de carne limpa, seja uma pessoa de cabeça leve ainda?

Já é arrojo da sua parte! Descanse que com êsse peso, não há mariola nenhum que lhe tire de casa! A não ser que lhe raptem de bicicleta!

Quanto à segunda parte da sua carta, com essa estou plenamente, abertamente, completamente, absolutamente de acôrdo!

Sim! O senhor nunca devia ter casado! Diz muito bem! Pesa-lhe muito ter-se casado! Pesa-lhe, pelo menos, os noventa-e-três quilos de carne limpa da sua espôsa, o que nos tempos que vão correndo, já é um peso superior até às forças de um cavalo, salvo seja!

Viscondessa do O' — *Regalado* — Sim, minha senhora! E' na verdade uma mancha bem escura! Porque é que sua gentilíssima filha não escolheu um branco como eu, por exemplo, (tenho uma pele que parece um veludo!), para fugir de casa, em vez de se deixar cair nos braços dêsse matulão, negro como uma saca de carvão?

Assim, sôbre a sua distinta jerarquia, caiu uma mancha de 1,62, que é a altura do prêto!

Ainda ao menos se V. Ex.^a tivesse ai uns mil contitos para comprar benzina! Então tinha a certeza que conseguia lavar a mancha! Assim, é ter paciência! D. Quixote também foi um homem puro e nem por isso as más línguas deixam de lhe chamar de *la mancha*!

Dr. OX.

Colega MARIA RITA:

Consta nos meios cinéfilos que o «ponto» saído no exame sonoro da Tobis às candidatas a intérpretes do fonofime «Canção de Lisboa», foi a canção «O Burriê».

Segundo consta, também, houve candidatas que se recusaram a cantar aquela canção. Realmente devia ser interessante ouvir 200 raparigas a cantar:

«Quem é? Quem é?
«Que me chupa o burriê...
«.....»

Esta só da Tobis!

Mimi e Lálá, duas garotas de 7 anos, discutem os talentos dos seus respectivos papás.

— O papá sabe fazer isto...
— O papá sabe fazer aquilo...
— E o meu mais isto...
— E o meu mais aquilo...
E nenhuma se dava por vencida.
A certa altura, a Lálá diz:
— O meu faz uma coisa que o teu não faz...

— Qual é?
— Beija a tua mamã...
— Também o meu a beija...
— Pois sim, mas não beija a minha!...

Segundo Jorge de Refoyos, Leonardo Coimbra, numa conferência realizada em Famalicão, disse que o homem futuro será o homem mecânico, o homem parafuso e que, portanto, as mulheres serão as *porcas*.

Eis uma figura literária digna de um mestre! Lá que se chame parafusos aos homens, vá! Agora o que não está certo é que se chame *porcas* às mulheres.

Há coisas que nem a brincar se devem dizer!... E, de resto, não andaré aí um bocadinho de despeito, Dr. Leonardo!

Consta que durante as festas da Queima das Fitas se reúne em Coimbra o congresso vinícola.

Até parece piada!

Recebi, ontem, uma carta duma cinéfila perguntando-me porque não *gramo* — o termo é dela — a Tobis. Mas, minha senhora, eu *gramo* a Tobis e

acho que todos a devem ajudar. O que crítico é, apenas, os Tobias da Tobis. Percebeu?

O Dr. X é um entusiasta da caça. Se, como caçador não mata coisa alguma, como médico é precisamente o contrário. Ora, aqui há tempos, foi convidado para uma caçada em casa de família fidalga.

O doutor aceitou o convite e, na manhã destinada à caçada, ei-lo fresco como alface e madrugador como o melro do Junqueiro.

Tudo a postos e ei-los que partem. Ao nosso doutor foi distribuído um criado, fino como sete demónios e conhecedor das habilidades do Dr. X, pois já, por mal dos seus pecados, tinha sido seu cliente.

O Dr. e o criado seguiram pela orla do pinhal e, passados momentos, o criado grita:

— Uma lebre, doutor!
Este fêz fogo e a lebre seguiu o seu caminho.

Mais adiante volta o criado a gritar:
— Um bando de perdizes, doutor!
— Onde?
— Além...

O doutor dispara e, o que é certo, é que as perdizes... se saude tinham com ela ficaram.

Passos andados, volta o criado:
— Outra lebre, doutor!
E o doutor nada de matar...

Até que, o criado, ao avistar 2 coelhos, teve uma ideia luminosa:
— Dois clientes, doutor!

O doutor apontou, fêz fogo e... os coelhos morreram enquanto o diabo, esfrega um ôlho.

Abraça-te o

MII REIS.

Os impossíveis dêste mundo

- Morar numa casa de botão.
- Prender um criminoso com correntes de ar.
- Comer com um garfo de enxertia. (Não encher tia).
- Sorrir com um sorriso da aurora.
- Escrever à MARIA RITA, a pedir-lhe uma assinatura anual, com pena... de gastar os 45\$00.
- Comprá-la com um escudo de um guerreiro.
- Lê-la com os olhos do pão.
- Vê-la com os olhos da sopa. (Não sopeira).

Odanref.

Para Pintar Use aredes

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-1.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em 10 minutos
seca em 10 horas
dura 10 anos

Aquilo que nós sabemos

Grande Concurso Poético da MARIA RITA

Para a quadra que estava feita na nossa redacção e que era do teor seguinte:

Já ia o sol quasi a pino
Quando a Rosa, na montanha
Deu um grito pequenino
Vendo uma bicha tamanha.

recebemos as seguintes quadras:

A mulher do Jesuino,
No dia do seu noivado,
Deu um grito pequenino
Que par'cia simulado.

Tónio.

Quis a Micas tocar sino,
Mas, ao puxar o badalo,
Deu um grito pequenino:
— Ai! Que ele até deu um 'stalo! —

Têso.

O pobre do Bernardino,
Viu a amante de cartola,
Deu um grito pequenino,
E apontou-lhe a pistola.

Octávia Maria.

A' criada dei pepino
Ela com sal o comeu
Deu um grito pequenino
E de repente morreu.

Pirugalo 1.º.

A filha do Vitorino
Quando lhe roubou um beijo,
Deu um grito pequenino
E disse: «Soube-me a queijo».

Rei das Musas.

A mulher do Avelino
Depois duns dias de mólho
Deu um grito pequenino
E pôs cá fora um pimpolho.

Tripeiro.

O meu querido menino
No momento em que nasceu,
Deu um grito pequenino,
Dois p... ulinhos, e morreu.

(Aveiro).

Olegna.

Dei-lhe um beijo puro, fino,
Ela a fingir-se zangada
Deu um grito pequenino.
Depois!!... não digo mais nada.

(Barreiros).

Rutra Luar.

Beijei seu rosto franzino,
E ela, desprevenida,
Deu um grito pequenino,
Mas pediu outro, em seguida.

Lérias.

E' um lago cristalino
Teu corpo de apreciar!
Deu um grito pequenino,
Quando eu lá fui mergulhar!...

Horaciano.

Fi-lo com todo o carinho
Ao beijá-la com paixão,
Deu um grito pequenino
Desmaiou... de comoção.

Alcino.

Era linda, um amorzinho,
Mas nervosa até mais não
Deu um grito pequenino
Só de lhe beijar a mão...

Inês.

A filha do Zefirino
Que por mim foi apalpada,
Deu um grito pequenino
Ao sentir-se magoada.

Ferralves.

Chegadinha ao Adelino,
S'tava a Micas à janela;
Deu um grito pequenino...
Que seria? Pisadela?!...

Z. B.

A Rosária, mais o primo,
Dançavam. Ela, corada,
Deu um grito pequenino;
Que foi isso? Não foi nada...

Zé Barão.

Entre beijos e beijinhos
Me deleitava no amor
Deu um grito pequenino
E disse: Mais por favor!

Risa Amarela.

Em Vichy, lá no Casino,
Grande tenor de respeito,
Deu um grito pequenino
Em vez de dar dó do peito!...

Alfredo Cunha da (Raza).

Damião, o mor Calino
Lá do «Ecos de Cacia»,
Deu um grito pequenino
Que me causou arrelia.

Zangorlipanfas.

No casamento do Alcino
Antes da noiva dormir
Deu um grito pequenino
E desmaiou a sorrir.

(Vila Real).

Quim Grande.

A filha do Bernardino,
Ao ser p'lo noivo beijada,
Deu um grito pequenino
E... não lhes digo mais nada!...

(Santo Tirso).

Adriano X. Nel.

Ao mastigar um «pepino»
A garota da quinteira
Deu um grito pequenino
Mas gostou da brincadeira.

Só Darco.

Ao pegares no meu «menino»
Não o ouviste chorar?!
— Deu um grito pequenino
E mais: deixou-se babar.

H. C.

Quando ainda era menino
Uma sopeira apalpei,
Deu um grito pequenino
Que eu c'um beijo abafei.

Reirobi.

...e vendo o cavalo a pino,
Foi que ela, então, desmaiou!
Deu um grito pequenino,
E, no abismo, rolou!

Agá Larbac.

Ao ofer'cer um pepino
E dois tomates, a Rosa,
Deu um grito pequenino
E chorou por mais... gulosa!

Amil.

Porque foi mulher vaidosa
Que ao beijar-lhe o rosto fino,
Deu um grito pequenino
E ficou tão lacrimosa?!...

Serigalta.

Vi teu corpo peregrino,
Sem palmito, sem capela,
Deu um grito pequenino
Na alcova só com ela.

R. do O.

Ao ver teu corpo divino,
Nesse teu leito deitado,
Deu um grito pequenino
Quando vi o teu «pasmado».

Rei do Orco.

Maria teve um menino,
Na rua nove de Julho
Deu um grito pequenino
E não fez mais barulho.

Asobrãb Rutra.

Ao descascar um pepino
Ficou cansada e a suar
Deu um grito pequenino
Quando estava a desmaiar.

Delfim de Freitas.

E agora toca a glosar esta:

.....
A mulher e a tempestade
.....

N. B. — E' necessário fazer o 1.º, o 3.º e o 4.º versos.

•
Não houve nenhuma quadra aproximada.
O 2.º prémio de 20 escudos foi atribuído a Amil.

•
Em virtude de terem chegado com atraso, deixamos de publicar meia dúzia de quadras a este mote, que no próximo número inseriremos, aproveitando o ensejo para uma vez mais pedir aos colaboradores o favor de as enviarem o mais tardar até Quarta-feira.

PEÇAS E

ESTAVO
FERRO



SEGUNDA PEÇA DO CONCURSO

UMA GRANDE DESCOBERTA

(Peça muitíssimo histórica e um tanto ou quanto aquática, passada no reinado de D. Manuel I, segundo afirma o autor)

ACTO PRIMEIRO

A cena representa a Ribeira das Naus onde se encontram treze caravelas, novas em fôlha, dispostas a demandar mares nunca dantes navegados... Pedro Alvares Cabral anda de um lado para o outro, a dar as últimas ordens.

ALVARES CABRAL (mais escamado que uma dúzia de baratas) — Parece impossível que o sapateiro me faltasse com os sapatos!... Nunca esperei que, à hora de partir, me pregasse esta partida... E agora? Que dirão os brasileiros, se eu os descobrir com estes sapatos tão velhos?...

O SAPATEIRO (chegando a correr e a deitar os bofes pela boca) — Eis-me aqui, senhor! Perdoai se me demorei; mas a culpa não foi minha! O eléctrico em que eu vinha, descarrilou cêrca da Praça da Figueira...

ALVARES CABRAL — Por vida minha! Hei cuidado que tardáveis adrede...

O SAPATEIRO (sem pestanejar) — E que quere dizer adrede?...

(Alvares Cabral vira-lhe as costas e mete-se num barco que o conduz à sua nau.)

ALVARES CABRAL (já na nau) — Está tudo pronto?

UM MARINHEIRO — Falta o primeiro maquinista, senhor...

ALVARES CABRAL — E por que se demora êsse maldito abderlítico?...

O MARINHEIRO — Que quere dizer abderlítico, senhor?...

ALVARES CABRAL — Irra! Estes ignorantes não percebem nada de portugueses antigo... Vamos! Acendam as fornalhas e toca a andar! Parece mal fazer esperar aquela gente, que está desejava que eu a descubra... (para um marinheiro) Olhai! Não vos esquecesteis do padrão que hei de colocar em Vera Cruz?...

O MARINHEIRO — Vera Cruz ou Santa Cruz?...

ALVARES CABRAL — Tanto faz... Os historiadores que lhe chamem, depois, o que quiserem... Vamos a isto, que é uma pressa!...

O MARINHEIRO (falando sozinho) — Mas que pelintrice! Ir para o Brasil só com treze caravelas...

ACTO SEGUNDO

A cena representa o mar alto, sem piada ao sr. António Ferro. As caravelas navegam, a todo o pano, em direcção de Calicut. Pedro Alvares Cabral, na ponte de comando, observa por um óculo. Oficiais ao lado.

UM OFICIAL — Senhor! Deixai-me espreitar uma lasquinha...

ALVARES CABRAL — Para quê?

UM OFICIAL — Para me distraír... Estou tão chateado...

ALVARES CABRAL — Agora não pode ser. Estou a ver se descortino o Samorim.

OUTRO OFICIAL — É que quereis vós...?

ALVARES CABRAL — Olhai que quereis... é pau!... Quereis é que se diz...

O OUTRO OFICIAL — Peço desculpa mas não sabia... E que quereis vós a êsse gajo?...

ALVARES CABRAL — Esmagar-lhe a sua filúcia...

OS OFICIAIS TODOS — E que quere dizer filúcia?...

ALVARES CABRAL — Mas que súcia de bestas!

AINDA OUTRO OFICIAL — E depois de fazer isso, para onde vos dirigis?...

ALVARES CABRAL (encarando ainda o oficial) — Sabe-se lá... Sabe-se lá...

O AINDA OUTRO OFICIAL — E' pena. Eu queria mandar dizer à família...

(As caravelas chegam a terra. Os marinheiros desembarcam e envolvem-se à tapona com os moiros, que levam poucas. Vencedores, os portugueses compram postais ilustrados para as famílias.)

ACTO TERCEIRO

As naus avistam Santa Cruz. Pedro Alvares Cabral manda arrear os escaletes e dirige-se para terra. A' sua chegada, uma multidão de indígenas, muitíssimo antropófagos, foge espavorida.

ALVARES CABRAL (desembarca e canta) — Vinde cá, não tenhais medo...

O CHEFE DOS INDÍGENAS (para a sua gente) — Cambada de poltroas! Vocês não vêem que êle não nos faz mal?...

ALVARES CABRAL (tirando o chapéu e dirigindo-se ao chefe dos indígenas)

— Se não é indiscrição, tenha a bondade de me dizer: aqui é que é o Brasil?...

O CHEFE (inclinando-se, respeitosa-mente) — E' sim, senhor... V. Ex.^a é que é o sr. Pedro Alvares Cabral?...

ALVARES CABRAL — Eu próprio, para o servir...

O CHEFE (voltando-se para os indígenas) — Eh, rapazes! Alegrem-se! Estamos descobertos!...

(Os pretos desatam aos pulos, muito contentes da sua vida e puxando a tanga para cima.)

ALVARES CABRAL — Quarenta-e-dois dias para chegar aqui! E' longe como burro...

O CHEFE — Pois sim; mas, quando se fundar a Companhia Nacional de Navegação, a coisa faz-se em dez ou doze...

A propósito: quando chega o sr. Tomé de Sousa, primeiro Governador do Brasil?...

ALVARES CABRAL — Mais tarde, mais tarde... Compreende: parecia mal se, primeiro, não houvesse umas lutazinhas, etc. e tal...

O CHEFE — Perfeitamente! E agora, se quiser, pode plantar o padrão à sua vontadinha... Trouxe-o?...

ALVARES CABRAL — Nunca me abandona... (para os marinheiros) Olá! Erguei, prestes, o padrão das Descobertas! (Afasta-se, olhando para o chão.)

O CHEFE — Que ides fazer agora!...

ALVARES CABRAL — Agora vou apañhar cavacos de pau brasil...

O CHEFE — E para quê?...

ALVARES CABRAL — Para a minha chegada a Portugal fazer mais fâisca!...

O pano cai... na asneira de descer nesta altura...

J. de OLIVEIRA.

CARTAZ DE HOJE

Sd da Bandeira: A famosa peça de Baille, O Animador.

Rivoli: A revista brasileira Morangos com creme.

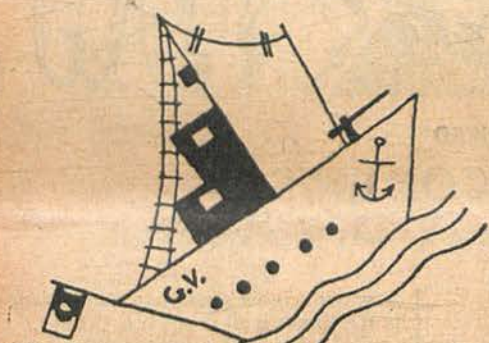
Olympia: O filme de grande sucesso A grande parada.

Trindade: Os filmes Embaixador sem cerimônia e O bandido mascarado.

Batalha: Os filmes Marido infiel e Pecadora uma vez.

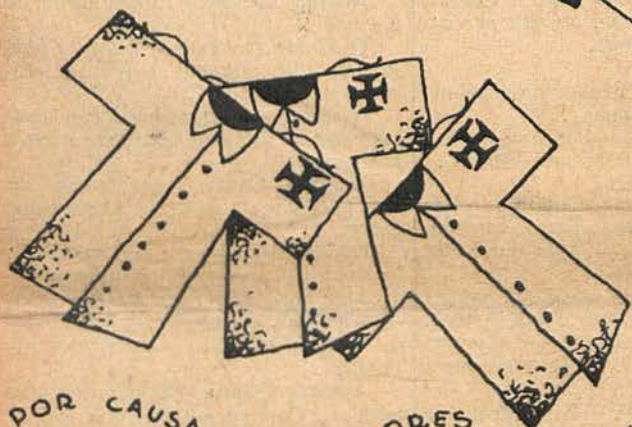
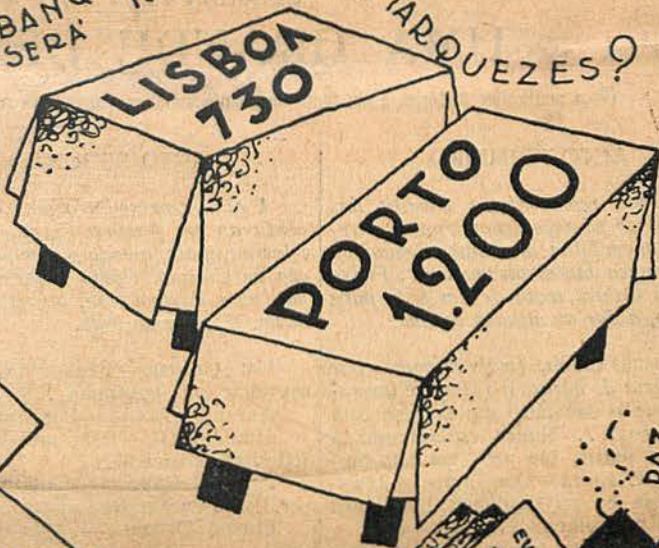
SALADA RUSSA

1933
+ ALEM

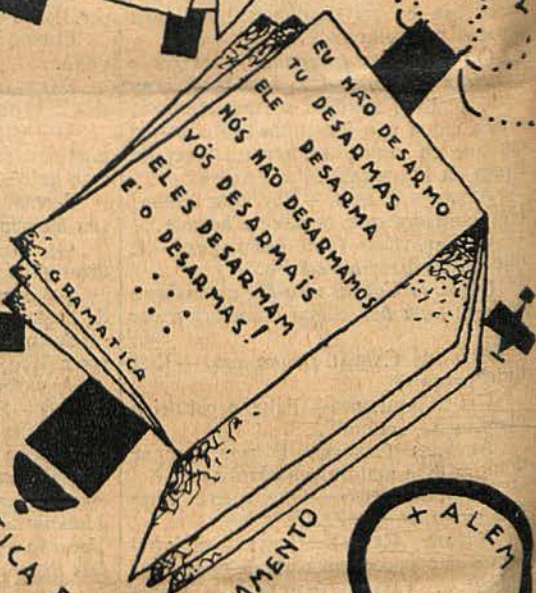


ESTEVE NO PORTO
UM VELHO COM POTÊNCIA

BANQUETES
SERÁ ISTO
AO ROLAR
DESCER, MARQUEZES?



POR CAUSA DOS "CALORES,
VÊM-SE MUITAS CAMISAS EM PORTUGAL



PAZ

GRAMATICA E O

+ ALEM



VIVA O JULIO DANTAS

OUTRA FARPA?
FAZEM OS MEUS IRMÃOS DA PROTECTORA...

INAUGUREI A
E'POCA
DE...VERA'O
COMO ME APRESENTO